

PAI ALAN: Boa tarde, sejam bem vindos ao reino de Oxum! Meu nome é Alan Tavares, eu tenho 57 anos, sou Tata, filho de mãe Bete de Xangô, nascido aqui em Florianópolis.

**CAROL CARVALHO: E há quanto tempo está na religião?**

PAI ALAN: Bom, eu iniciei em 1985, na religião.

**ELISA MARTINS: E como foi essa a trajetória do senhor até se tornar um Babalorixá, um Pai de Santo?**

PAI ALAN: Bom, como eu posso assim te contar o começo. A nossa família ela vem de uma formação católica, né? E sendo que [pausa] Devido à ancestralidade, esse tipo de coisa, né? Aí eles lá atrás, na parte da minha família, é que muitos não quiseram seguir a religião, né? Por causa de opressão e um monte de coisa. Aí eu fui na nessa parte o que veio fazer esse resgate. Eu sou gêmeo com um outro, o meu irmão também tem casa de Santo, bem conhecido, Tatalorixá de Oxóssi, O Alex, que nós o viemos fazer essa parte. É que a que a família assim, no caso, não deu segmento.

**CAROL CARVALHO: E assim, antes da construção desse espaço aqui, já tinha passado por outras casas?**

PAI ALAN: Sim, eu iniciei na casa da saudosa mãe de Santo que me fez babalorixá, né? De início, na casa dela, mãe Evelina de Nanã, onde fiquei muitos anos na casa dela fiz Pai pequeno, depois me tornei Babalaô pelas mãos dela [...] e nesse princípio da caminhada, a espiritualidade, creio, que quis algo a mais e eu fui tornando o meu caminho até o dia que eu saí da casa dela, da casa da mãe de Santo, e vim para dentro da minha casa. Eu tinha [...] eu tratava, tinha uma canjirinha que eu tratava os meus catiços, não é? E ali começou-se uma situação. Para se tornar o que hoje que vocês estão, aonde vocês se encontram hoje, não é? É até o Adilson estava frisando ali que [a casa] foi um sonho nosso, não é? Eu creio que foi uma parte que a espiritualidade quis, porque ninguém escolhe ter casa de Santo. Hoje a gente que vê muitas pessoas: *“Ai eu quero ter”*, mas isso é uma coisa que a espiritualidade que encaminha, que a espiritualidade pede. Ela que bota no caminho, *ó, você vai ser dono de uma casa de Santo*. Então, dentro desse processo, eu vim para dentro da minha casa com os meus preceitos, sem decidi para onde [...] o que eu queria era levar a minha religião, o meu sagrado.

**ELISA MARTINS: E sempre na mesma vertente? Almas de Angola?**

PAI ALAN: Sim, na mesma vertente, mas sendo que é espiritualidade, daí foi tomando o seu caminho, foi me dando caminho. Quando eu vi de um dia para o outro, eu cheguei em casa, a minha mãe, - minha falecida saudosa mãe, que é uma parte fundamental dentro disso tudo - ela disse para mim, olhou para mim e disse: *“Ah, meu filho, tu vais começar aqui”* Eu disse

assim: *aqui?* Ela tinha tirado a sala da frente dela e disse: “*você vai começar a fazer atendo suas pessoas aqui, a cuidar das suas coisas aqui, e a gente vai ver o que é que vai dar isso*”. E ali a gente começou, botei umas imagenzinha, comecei a atender pessoas a dar passe a esse tipo de coisa. E a espiritualidade foi trazendo. Quando um chegou um eu já fiquei assim, né? [pausa] Que eu não, na verdade, eu não queria esse compromisso. Queria estar na religião, mas não ter esse compromisso. E a espiritualidade foi trazendo e a e a necessidade começou a aumentar aonde a gente; o espaço começou a ficar pequeno, não é? As pessoas foram chegando, a responsabilidade se tornando maior ainda. Não é ao ponto que daí eu recebi uma pessoa em casa e essa pessoa bolou um Santo dentro da minha casa. E aí a gente conversou eu com uma outra pessoa do Santo e cai na besteira de fazer uma promessa. Fale: levanta a sua filha, que dentro das condições nossas, a gente vai procurar fazer um cantinho. Se for do seu gosto, amanhã ou depois eu faço ela dentro do Santo. Aí foi isso que aconteceu. Aí isso foi se passando nos anos, a gente foi construindo a casa, passamos muita dificuldade, porque levantar uma casa de Santo não é fácil. Graças a Deus, assim, eu venho de uma família que nos soube dar é muita educação. Sempre fomos bem vistos pelos vizinhos, através do meu pai e da minha mãe, então os vizinhos em si passaram a nos respeitar, mas sempre tem um, não é? Então, dificuldades a gente passou e bastante. E foi dentro desse processo, desse processo, até que se formou a casa de Santo.

**BRUNA ANDRADE: E o senhor é aqui do bairro?**

PAI ALAN: Sim, morador, um dos primeiros moradores aqui. Isso aqui não existia nada. A única coisa que existia era essa casa, que era até um armazém. Antigamente, não o centro, isso aqui não existia, só a casa da frente, minha casa.

**CAROL CARVALHO: E como é a organização do centro? Aqui nesse espaço, o que tem aqui?**

PAI ALAN: Bom, aqui é o salão, né? Tem as camarinhas. Aqui atrás, tem a cozinha onde é feito só a parte do procedimento de comidas de Santo, a parte que é de festividade, não é? A dispensa, as canjira e esse pátio.

**CAROL CARVALHO: E tem muitos médiuns aqui?**

PAI ALAN: Tem uma base de 95 médiuns. Mas se botassem aqui todos que já passaram por essa casa e que hoje tem casas de Santo [...] Eu e o Adilson a gente se dá por muito feliz assim, porque nós somos caminho para outros. Muitos assim que tem hoje Suas casas de Santo belíssimas, passaram por aqui. A gente foi um apoio, né? Foi uma ponte para isso.

**CAROL CARVALHO:** E as pessoas vem aqui em busca de... Do que assim? Na verdade, o que eu quero dizer é que o senhor falou sobre as pessoas. Vem chegando, né? E aí elas vêm chegando e o que que elas apresentam assim? É pra conhecer, pra iniciar?

PAI ALAN: A princípio eu digo que a gente é um grãozinho, não é? Nesse universo, a gente é um grãozinho em busca de alguma coisa, com sede de alguma coisa. Principalmente eu acho que a gente está hoje num processo, muitas pessoas voltadas a se espiritualizar, não é? Buscando alguma coisa para se apoiar, porque o mundo está muito pesado, não é? Se tu olhares, não é? Então a gente tem uma porta aberta, como a gente fala, para auxiliar, tentar dar um caminho, fazer com que o caminho da... do ser que seja um pouco mais leve, não é?

**CAROL CARVALHO:** Sim. E que passa a ser o objetivo aqui né, da casa.

PAI ALAN: É, então recebemos inúmeros problemas, não é. Pessoas com inúmeros... diversidades, não é? E nós tentamos fazer essa ponte não é? Em cima.

**ELISA MARTINS:** O senhor já comentou que é morador, que cresceu aqui e se criou aqui. Então, vou perguntar se a escolha do local do terreiro foi algo específico ou foi em questão de já ter uma casa aqui e aí... calhou de ter um terreiro aqui também junto dentro da sua casa, né?

PAI ALAN: Não, porque daí achei que já tinha um espaço físico, não é? Que, na verdade, isso aqui antes era uma, era uma casa que meu irmão morava aqui. Aí ele era casado com uma outra pessoa. Eles depois compraram um apartamento em Biguaçu e desmembraram isso aqui. Isso aqui ficou parado. E aí a gente começou o processo de “aumenta aqui, aumenta ali” e faz assim, onde ficou a casa de Santo. Por já ter o espaço físico, não é?

**CAROL CARVALHO:**

**O Pai Adilson também comentou, já, mas também queremos ouvir do senhor essa relação com a comunidade. Falar um pouquinho mais não é? Porque o senhor falou que é o primeiro morador aqui. Uma relação boa também por conta dos seus pais. Como que é hoje essa relação?**

PAI ALAN: A relação eu tenho, os meus vizinhos são, são maravilhosos, não é? É com... com... É como que eu vou dizer para ti assim... Tirando esses moradores novos, esse prédio agora que hoje aqui eles têm do lado, é quando se iniciou a construção eu tive alguns problemas. Não com os outros. Eu tive alguns problemas. Aí questão assim, antigamente eu não, eu não tinha problema de horário, para tocar a minha sessão... enfim. E aí se levantou esse prédio aqui, eu passei a ter algum probleminha ou outro assim, porque vai chegando o morador e são pessoas com outro tipo de formação, outro tipo de visão. E a gente aí a gente foi fazendo a política da boa vizinhança, não é? Sede daqui, tenta ajeitar ali não é? Onde também passamos por um processo de reforma, na casa onde fizemos a acústica sem ajuda de

ninguém, porque a gente nessas horas a gente não tem ajuda de ninguém. É mediante um bingó que a gente faz, é... é um apoio de um médium aqui ou de outra pessoa ali, ou o apoio até da própria família. E a gente foi angariando fundos e fizemos toda a acústica do terreiro, onde hoje a gente consegue tocar a nossa sessão tranquila, né? Como a gente diz, sem incomodar e também sem ser incomodado, né?

**ELISA SAES: E a questão dos médiuns e das pessoas que visitam a casa do senhor, o que é que o senhor diria de questão de diversidade, dessas pessoas que estão aqui visitando a casa do senhor? Qual é o tipo de pessoa que vem até aqui? São pessoas pretas, são pessoas brancas, são pessoas homossexuais, homens, mulheres?**

PAI ALAN: Aqui ninguém vem com uma tarja dizendo, eu sou isso ou sou aquilo. A porta ela está aberta mediante a pessoa entrar. Saber que aqui é um é como se fosse uma igreja. Não é? As pessoas têm que saber assim, entrar e saber sair, não é? Então as pessoas assim, elas, a gente recebe todo o tipo de pessoa aqui, todo, mas também não fazemos de exclusão de ninguém. Simplesmente as pessoas assim, entram, assistem aqueles que gostam, até procuram participar ainda mais. Nós temos uma frequência muito grande de pessoas aqui.

**BRUNA ANDRADE: E hoje em dia eu vejo também, eaí queria saber se o senhor também, que hoje em dia eu vejo que existe muito mais pessoas LGBTs procurando esses tipos de casa, porque aqui elas são acolhidas. Se o senhor sente essa diferença de anos atrás não tinha tantas pessoas assim, e se agora tem mais ou se sempre procuraram.**

PAI ALAN: Não, hoje, hoje eu te digo pra ti assim, por experiência própria. Eu, eu quando eu iniciei é, eu sempre toco por isso, eu só não por ética eu não vou citar o nome, tá? Por ética de casas, de Santo, de Babalô não vou é... citar o nome. Mas eu digo assim, hoje é muito mais fácil uma, vamos dizer uma, criatura, ter a porta aberta no mundo que a gente vive hoje. Porque quando eu iniciei, não. Eu cheguei, busquei uma casa de Santo, cheguei até a zeladora da casa e pedi para entrar na casa de Santo. Ela disse que não. Porque na casa dela não, ela não aceitava um homossexual. Então, para tu ver hoje o acesso é mais compreensivo, não é?

MÃE KATIA: Eu, eu, é bom saber disso assim, porque, como eu venho de uma casa como o axé Santa Rosa de Lima com a mãe Ilka, a gente nunca teve isso, não é? Muito pelo contrário não é. Ela abraçava qualquer pessoa. E olha que era uma mulher brava. Mas abraçava todas as pessoas.

PAI ALAN: E foi se passando o tempo, né? E a gente foi tendo esse esse caminho e chegou aonde chegamos. Hoje a pessoa visita a minha casa. É. Os filhos frequentam a minha casa. Hoje, quando me encontra assim, porque a gente vive no meio que a gente se encontra, né? Aí meu Deus, não é olhar para trás e dizer que...

MÃE BETE: É, mas é tão bom escutar isso né?

MÃE KATIA: Boa que olhou pra trás.

**CAROL CARVALHO: E que reconhece né?**

MÃE KATIA: Porque lembra né.

**CAROL CARVALHO: A gente não perguntou ainda, né? Para o senhor, o que é que significa então ser um Pai de Santo, na cidade de Florianópolis?**

PAI ALAN: Bom, é como eu, citei. Eu Acredito que nós somos seres, seres em evolução né? Todos nós. E para mim ser zelador é estar pronto, agregar pessoas, abraçar a sua necessidade, dentro do possível, né? Creio que é isso.

**ELISA SAES: E na perspectiva do senhor, a gente pergunta para todos, qual que foi o momento mais marcante que envolve o terreiro aqui, a casa pro senhor?**

PAI ALAN: Quando você fez essa pergunta para Mãe Bete eu achei incrível que me passou um filme. Na hora, parece que eu estava olhando o dia que a minha mãe de Santo me entregou o Brajá. Porque a gente da vida na caminhada da gente, eu com 19 anos que entrei dentro do Santo, né, passei aquela, aquele processo todo foi muito difícil, como a mãe Bete, salientou ali. Não era fácil, só a gente sabe novinho, é... andar a pé. Eu morava aqui e andava, sai daqui a pé até o Estreito para ir correr uma gira de Santo lá na Mãe Ilka e voltar a pé com a sua bolsinha, não é? Quando muitos outros iam para boate, barzinho e um monte de coisa. Qual foi o... qual foi... Se a gente fez algum mal para alguém, se a gente tinha algum vício, o nosso vício era o Santo, era querer estar num terreiro. A gente que contava. Eu sempre digo isso para os meus médiuns aqui. A gente tinha a sessão segunda, que lá na Mãe Ilka era segunda, às quartas, sessão de desenvolvimento e sexta-feira. Muitas vezes eu fui a pé e voltava a pé. E a gente esperava, contava os dias para sentir o cheiro do charuto do Ogum. Aquilo parecia que ficava na mente, né? E eu lembro muito assim que quando eu entrei na religião, a minha mãe não queria. A minha mãe foi uma grande pessoa assim, ela (dizia) *"o dia que eu pegava vocês dentro de um terreiro, eu arranco vocês pelos cabelos, não sei o quê, papapa"*. Agora lá, quando ela foi saber, eu tinha entrado na casa da mãe de Santos, elas eram muito amigas. Aí a mãe de Santo disse para ela assim, ah, o teu filho bateu lá em casa Célia e eu abracei ele e ele entrou na minha casa. Aí a mãe disse para ela assim, *"então, a você faça, dona Evelina, por ele, o que eu, como mãe não pude fazer, que fui cuidar dessa lado, né?"* E no fim, a minha mãe virou a grande fã, virou uma grande incentivadora, né. Mãe Bete sabe disso. E se hoje também tenho a casa de Santo aqui, né? Ela, ela é, é... foi a matriarca desse terreiro, né? É a pessoa que tinha todos os médiuns da casa, como também filhos dela. Todas as camarinhas, se alguém fosse fazer camarinha ou se alguém tivesse alguma necessidade de Santo. Às vezes ela me incomodava tanto, ela me infernizava. Ela dizia, *"vai lá, compra as coisas da pessoa, vai lá, eu que dou a roupa de fulano de tal"*. Isso tudo minha mãe fazia. Que virou uma grande incentivadora, né? E dentro disso que eu estou falando, para mim, como eu digo para ti? Assim, a gente abdicou de muita coisa, muitos passeios, muitas viagens, enfim, muitas festas, né? Para viver a religião, inclusive também até a nível estudo. Não foi por falta de oportunidade. Oportunidade graças a Deus nossos pais deram muito no sentido de educação e um monte de coisa. Mas o que me lembra muito foi um dia da minha formatura né? Eu poder... a minha mãe aqui e a Mãe Bete entrar com o meu Brajá também, eu de joelhos aqui. E aí a Mãe, Bete, me consagra 21 anos e eu poder apresentar para minha mãe e olhar e dizer, *"olha, mãe, hoje eu me tornei... hoje eu me formei dentro do Santo. Aqui está o meu diploma"*. É que mais marcou.

PAI ALAN: É Muito, sendo muito gratificante receber vocês aqui, é... nesse trabalho que vocês estão fazendo, porque como você perguntou para a Mãe Bete assim, *"o que que você imagina daqui a 20 anos?"* Alguém olhando esse registro! É uma coisa que a gente não tem. Se olhar, ninguém tem registro de Vó Ida, ninguém tem registro de Pai Evaldo, dos grandes baluarte da cidade, Mãe Malvina, ninguém tem. A gente tem alguma coisa resumida e isso que ainda restou, não é? Mas assim deles contar a sua história, ninguém tem isso, não é? E se vocês levar para esse lado e fazer isso o trabalho vai ser muito bonito, vai ser muito bonito.

MÃE BETE: Nós vamo morrer mas a história vai ficar.

**BRUNA ANDRADE: E aí eu queria perguntar para o senhor, como que... Assim como eu perguntei para a Mãe Bete, como que o senhor vê, sendo esse pai, que tipo de pai que o senhor procura ser dentro dentro aqui do terreiro?**

**CAROL CARVALHO: É acho que a gente não perguntou de que Orixá o senhor é filho né.**

PAI ALAN: Eu sou de Oxum com Oxóssi.

**BRUNA ANDRADE: E que ensinamentos desses Orixás o senhor tenta passar né?**

PAI ALAN: O tento passar da parte da Oxum é o lado de agregar, né? Agregar, acolhedor, amoroso dentro de um limite, né? Que às vezes tu é amoroso demais, as pessoas te fazem de bobo, não é? E eu tenho muito esse lado do Oxum. As pessoas dizem assim, *"Ai eu quero para o lado de um bobinho"* mas o Oxum é um orixá que ela é a deusa da magia, ela é a deusa do rio, ela tem esse poder, não é? E a parte do Oxóssi é a parte de mostrar para os médiuns, de dar que ele pode ir mais, que ele pode ir em busca, não é? Que a gente não, a gente cuida aqui na minha casa, cuida aqui o lado espiritual e tenta mostrar principalmente pro medium, o lado da vida, a realidade da vida. Que ele assim, ele tem que estar no equilíbrio. Não é? A sua parte espiritual, mas a sua parte material, mais ainda. Então, que ele vá em busca, que ele tenha sede de querer mais. Porque para a gente é um orgulho a gente pegar um médium, ele entrar por essa porta de uma maneira, e depois a gente ser base, ser ponte, e ele se tornar na vida, o que muitos aqui se tornaram. Eu tive médiuns aqui, não é querer bater no peito e a se achar melhor do que ninguém, mas a espiritualidade da casa fez um trabalho muito bom. Eu tive um médium que morou na favela. Hoje mora no Kobrasol, um big de um apartamento. Hoje eu tive um médium aqui que, meu Deus, totalmente desconhecidos. Hoje tem uma senhora de uma casa de Santo, é aposentada, coisa que eu, como Pai de Santo, não sou. Então que é a parte do Oxóssi da gente mostrar que o médium pode mais, pode crescer, não é? E saber que a gente tem essa compreensão de dizer, *meu filho vai estudar hoje, o estudo é importante, vai conhecer outras Vertentes*, né? Que daí para a gente vai ser um orgulho de ver o filho formado. *"Olha, é filho de Santo da casa tal, né, o Kátia?"*

**ELISA SAES: E para o senhor, assim fora as pessoas que estão aqui dentro da casa nesse momento o senhor tem algum outro pai ou mãe de Santo que seja importante nessa nessa trajetória, nessa chave que a gente está conversando sobre pessoas que são importantes para Florianópolis dentro da religião de matriz africana. Existem outros outros Pais... como o senhor mencionou a Mãe Ilka, que foi uma pessoa que foi muito falada. Existem**

### **outros que ainda não foram mencionados para ficar registrado?**

PAI ALAN: Olha, eu sou meio que suspeito de falar, tá nesse lado assim. Então se eu pudesse me excluir disso, eu iria me excluir, tá? Mas assim, pessoas como, de referência hoje dentro do ritual aqui para mim é o Tata Adilson do Ogum aqui, que estava aqui, que recebeu vocês, Mãe Bete, primeiro lugar não é? Tem o Tata Luiz de Onira, não é? Tem o meu irmão aqui dentro de Florianópolis, Tata de Oxóssi, Pai Alex. O Tata Cesinha de Ogum, são as pessoas de referência aqui. É Clóvis também, né Clóvis?

### **CAROL CARVALHO**

**É agora pra encaminhar pro fim, né? É também perguntando pro senhor se gostaria de falar alguma coisa, deixar uma mensagem, enfim, como a gente tinha solicitado também pra Mãe Bete que a gente não falou até agora, não perguntou.**

PAI ALAN: Não, acredito que falei tudo. Obrigado, é a última mensagem. Obrigado a Kátia também por de repente olhar assim, vamos lá se reunir na casa do irmão, do Alan, né? Não sei se é o primeiro lugar que vocês estão vindo, né? Mas foi um prazer muito grande recebê-los aqui.

(Conversa paralela)

MÃE KATIA: Eu vou fazer uma pergunta para o senhor é um ponto de vista, meu, o senhor é gêmeo univitelino o Pai, Alex Oxóssi, não é? O que que o senhor considera a questão desse sagrado, dessa divindade ancestral, desses gêmeos univitelino, de o Alex ser Oxóssi com Oxum e o senhor ser Oxum com Oxóssi, quer dizer o útero de sua mãe naquele momento estava com apenas dois Orixás. Um abraçou o seu Ori e o outro abraçou o Ori do outro e um ficou no segundo plano para um outro ficou no segundo plano para o outro? O que que o senhor... Eu, eu chego a me arrepiar assim, porque há muitos anos eu olho e isso eu digo para mim uma das coisas mais sensacionais da divindade é o Alex e o Alan. Que é que o senhor vê sobre isso? Assim, nessa, essa, esse, esse útero sagrado, né? Esses Orixás assim presente desde a da gestação de vocês e essa consagração dos dois no Santo. Os dois têm... cada um tem a sua casa de extrema importância dentro da grande Florianópolis, né? Com iniciações gigantes com uma quantidade de filhos importantíssima, né? Porque atua muito grande no coletivo o que é que seu, como é que senhor vê isso?

PAI ALAN: Eu vejo como uma benção, né? Uma benção do sagrado. Vejo aí como uma benção. (Mãe Bete conversa sobre) De ser privilegiado também, não é? De ser grato a espiritualidade. Hoje sou muito grato. Eu falo isso todo dia pro Adilson quando eu me acordo, eu digo - que tem um lado meio bobo de Oxum, não sabe assim. Às vezes eu saio de casa, eu vou comprar alguma coisa eu veio pelo meio da rua assim, às vezes deixo o meu carro e ai Deus, obrigado, obrigado Deus. Eu sou muito agradecido a Deus por tudo isso, assim por hoje. Tu vê eu saí agora de uma obrigação de 21 anos que fiz a minha cunhada, não é? Hoje tem o meu, o meu sobrinho que é Alabe aqui da casa feito, não é? Que é que eu digo para ti assim, vai se tendo um segmento, né? A vida vai tendo um segmento. Estou muito feliz.